

Motivação interna e motivação externa para responder sem preconceito: Tradução, adaptação e validação das duas escalas para a população portuguesa

Tomás Palma

Centro de Investigação e Intervenção Social, Lisboa

João Maroco

Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa

Resumo

Neste artigo apresenta-se uma sugestão de versão portuguesa da escala de Motivação Interna para Responder sem Preconceito e da escala de Motivação Externa para Responder sem Preconceito (Plant & Devine, 1998). Estas medidas avaliam o impacto distinto das duas fontes de motivação nas respostas não-preconceituosas dos indivíduos. As qualidades psicométricas das escalas foram avaliadas numa amostra de 168 estudantes universitários. A análise factorial confirmatória da estrutura factorial original revelou que os dados obtidos com as versões portuguesas não apresentam uma total sobreposição aos obtidos com as versões americanas. Assim, adoptando estratégia exploratória, propôs-se, uma forma de melhorar a validade de constructo das escalas através da eliminação de alguns itens. As escalas constituem dois factores independentes, corroborando a ideia de que estas medidas reflectem duas fontes de motivação distintas para responder sem preconceito.

Palavras-chave: Escalas, Motivação, Preconceito.

Abstract

In this paper we present a proposal for the Portuguese versions of the 'Internal Motivation to Respond without Prejudice' scale and the 'External Motivation to Respond without Prejudice' scale (Plant & Devine, 1998). These measures were developed to assess the distinct impacts of both sources of motivation in the individuals' non prejudiced responses. The psychometric properties of the scales were evaluated in a sample of 168 university students. Confirmatory factor analysis of the original factorial structure revealed that the data in the Portuguese sample did not exactly match the structure obtained in the American versions. Thus, in a clear exploratory strategy, we propose the deletion of some items, in order to

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Tomás Palma, Centro de Investigação e Intervenção Social, Edifício ISCTE, Sala 2N6, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa; E-mail: tomas.palma@iscte.pt

improve the construct validity of the scales. The scales constitute two independent factors corroborating the idea that these two measures reflect two distinct sources of motivation to respond without prejudice.

Key words: Motivation, Prejudice, Scales.

Nos últimos anos vários são os estudos e as sondagens que mostram um decréscimo progressivo das atitudes e crenças racistas face aos imigrantes. Por exemplo, numa investigação publicada em 2006, no segundo volume da colecção de estudos do Observatório da Imigração intitulada “Atitudes e Valores perante a Imigração” podem-se encontrar alguns dados interessantes sobre a realidade portuguesa. Esta investigação foi levada a cabo pelo Centro de Estudos e Sondagens de Opiniões da Universidade Católica Portuguesa e baseou-se na comparação de duas amostras de portugueses e imigrantes residentes em Portugal em meados de 2004. No que diz respeito aos direitos dos imigrantes, legais e ilegais, a grande maioria dos inquiridos ($\geq 70\%$) consideram que os imigrantes (Negros, Brasileiros e da Europa de leste) devem poder votar tal como os portugueses, deve-lhes ser facilitada a naturalização e devem poder trazer a sua família para Portugal (ver Lages, Policarpo, Marques, Matos, & António, 2006).

A investigação referida anteriormente é apenas mais uma a juntar à imensa literatura que a partir da segunda metade do século XX sugere que as atitudes racistas, medidas através de escalas de auto-relato, se têm tornado cada vez mais positivas, sobretudo no que diz respeito aos Negros (para uma revisão ver Vala, Brito, & Lopes, 1999).

Será então este decréscimo na expressão do preconceito e do racismo fruto da ‘internalização’ dos valores sociais democráticos ou, pelo contrário, se deve à pressão social anti-racista? Existe um vasto corpo teórico que sugere que o preconceito e o racismo contra os negros são actualmente expressos de forma mais subtil. Esta forma de expressão do preconceito deve-se, em grande parte, à prevalência da norma anti-racista, que se consistiu como uma explicação plausível para os resultados dos estudos que sugerem uma mudança nas atitudes racistas (Crosby, Bromley, & Saxe, 1980). Entre as principais teorias encontram-se as teorias do racismo moderno (McConahay & Hought, 1976), do racismo simbólico (Kinder & Sears, 1981), do racismo ambivalente (Katz & Hass, 1988), do racismo aversivo (Gaertner & Dovidio, 1986), e do racismo subtil (Pettigrew & Meertens, 1995). Todas estas teorias têm subjacente a ideia de que existem formas de expressão do preconceito e do racismo veladas, que não se encontram espelhadas nos inúmeros estudos e sondagens que sugerem o decréscimo nas atitudes racistas face aos negros.

Por outro lado, quando se comparam os resultados obtidos com medidas explícitas (i.e., medidas que acedem de forma directa ao constructo e que estão sujeitas a vários enviesamentos por parte dos participantes) com os resultados obtidos nas medidas implícitas (i.e., medidas que permitem aceder ao constructo de uma forma inconsciente para os participantes) verifica-se a existência de uma enorme discrepância. Esta discrepância indicia que as medidas explícitas de auto-relato são facilmente controladas pelos participantes (e.g., Banaji & Greenwald, 1995; Devine 1989; Fazio, Jackson, Dunton, & Williams, 1995; para uma revisão sobre medidas implícitas/explicitas ver Fazio & Olson, 2003). Por exemplo, Fazio e colaboradores demonstraram que alguns dos participantes que responderam à *Modern Racism Scale* (McConahay, Hardee, & Batts, 1981), administrada por um experimentador Negro, reportaram atitudes menos preconceituosas do que quando responderam à escala numa sessão colectiva (que favorecia o anonimato dos participantes). Estes dados sugerem uma utilização controlada e estratégica das medidas de auto-relato, o que faz com que muitos afirmem que estas medidas não reflectem as verdadeiras atitudes das pessoas, mas sim, a complacência com o que é ‘politicamente correcto’ (e.g., Crosby et al., 1980).

Desta forma, é de todo pertinente tentar perceber o que leva as pessoas a responderem de forma não-preconceituosa (ou preconceituosa). Qual a fonte de *motivação* subjacente a determinada

resposta? Muitas vezes uma resposta não-preconceituosa é resultado da soma das *motivações internas* (que resultam da internalização de padrões não-preconceituosos) e das *motivações externas* (que resultam das pressões sociais para se ser complacente com as normas não-preconceituosas). Assim, torna-se necessário isolar os efeitos de cada uma destas fontes de motivação para se conseguir perceber a sua importância nas respostas das pessoas. Neste sentido, Plant e Devine (1998) apresentam um contributo importante no estudo desta problemática ao desenvolverem duas escalas que permitem isolar de uma forma válida ambas as fontes de motivação (contudo, ver Dunton & Fazio, 1997).

Escalas de motivação interna e de motivação externa para responder sem preconceito

A escala de Motivação Interna para Responder sem Preconceito (EMI) e a escala de Motivação Externa para Responder sem Preconceito (EME) foram desenvolvidas por Plant e Devine (1998) sob o pressuposto de que: (1) ambos os tipos de motivação, interna e externa, afectam as reacções não-preconceituosas e preconceituosas das pessoas, logo (2) é necessário isolar os efeitos de ambas as motivações de forma a perceber qual o seu impacto nas respostas das pessoas. Os autores suportam a validade e a fiabilidade das duas medidas apresentando evidência empírica proveniente de 7 amostras diferentes. Numa primeira fase, foi efectuada uma análise factorial exploratória (AFE) a um total de 19 itens, 10 correspondentes à EMI e 9 à EME. Estes itens focam a razão (o porquê) subjacente à motivação para responder sem preconceito. A AFE revelou uma estrutura factorial com dois factores independentes. O primeiro factor, composto pelos itens que reflectiam a EMI, explicava cerca de 28% da variância total enquanto o segundo factor, composto pelos itens relativos à EME, explicava cerca de 20% da variância total. Dos 19 itens iniciais foram eliminados 4 visto que saturavam em ambos os factores e/ou tinham um peso factorial inferior a .5.

Os autores recorreram à análise factorial confirmatória (AFC) para testarem a adequação do modelo teórico aos dados. Uma primeira AFC aos 15 itens realizada com uma amostra diferente, revelou que eliminando 4 itens, existia uma boa adequação do modelo teórico aos dados. O modelo final com 10 itens, 5 itens para a EMI e 5 para a EME, foi comparado com um modelo alternativo com apenas um factor de 10 itens. Esta comparação directa revelou que o modelo de dois factores se adequa significativamente melhor aos dados do que o modelo que reflectia uma motivação geral para responder sem preconceito. O derradeiro teste ao modelo teórico foi feito em duas novas amostras. A AFC revelou uma boa adequação do modelo teórico com 2 factores independentes em ambas as amostras ($GFI=.93$ e $.96$; $AGFI=.89$ e $.93$ respectivamente).

Em termos de consistência interna, apesar das duas medidas terem apenas 5 itens cada, os valores do α de Cronbach variaram entre .81 e .85 para a EMI e entre .79 e .80 para a EME.

Na segunda e terceira fase, Plant e Devine (1998) avaliaram a validade convergente e divergente das duas medidas, bem como a sua validade preditiva. Faremos apenas referência à validade convergente e divergente de ambas as escalas. A EMI e a EME foram correlacionadas com uma série de medidas de preconceito racial que avaliam as reacções negativas e positivas face aos Negros, tais como a *Modern Racism Scale* (McConahay, 1986), a *Pro-Black Scale and Anti-Black Scale* (Katz & Hass, 1988), a *Attitude Toward Blacks Scale* (Brigham, 1993), entre outras. A EMI e a EME foram também correlacionadas com medidas que avaliavam a preocupação que as pessoas têm em ser avaliadas pelos outros, como por exemplo a *Fear of Negative Evaluation Scale* (Watson & Friend, 1969) e a *Interaction Anxiousness Scale* (Leary, 1983). Ambas as medidas mostraram uma boa validade convergente e divergente. Tal como esperado pelos autores, a EMI apresentou uma forte associação com as medidas de preconceito e uma fraca associação com as medidas de avaliação social (Devine, Monteith, Zuwerink, & Elliot, 1991). Por outro lado, a EME apresentou associações moderadas com as medidas de avaliação

social o que sugere que esta escala mede uma motivação para responder sem preconceito que é influenciada pelo contexto social.

Este estudo tem como objectivo traduzir, adaptar e validar a EMI e a EME para a população portuguesa. Estas medidas permitem estudar de uma forma mais rigorosa o impacto das diferentes fontes de motivação nas respostas não-preconceituosas (ou preconceituosas) dos indivíduos, já que isolam os efeitos da motivação interna e externa, passo sem o qual seria difícil perceber o seu papel. Pretende-se assim dar um contributo para a investigação realizada em Portugal no campo dos estereótipos sociais e do preconceito.

Método

Participantes

Participaram neste estudo, de forma voluntária, 168 alunos das licenciaturas em Ciências Psicológicas e em Psicologia, do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (42.3%), do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (33.3%), e da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (24.4%), dos quais 82.7% eram do sexo feminino. As idades encontram-se compreendidas entre os 17 e os 51 anos ($M=21.8$; $SD=5.4$).

Instrumento

A tradução e adaptação das escalas foram feitas via tradução-retroversão. Foi dada especial atenção ao significado dos itens e à familiaridade dos termos utilizados, e não tanto à reprodução literal dos termos usados na versão original. Desta forma, numa primeira fase, a escala foi traduzida individualmente por três investigadores, do campo da Psicologia Social, com vastos conhecimentos da língua inglesa. Numa segunda fase, as três traduções, provenientes dos três investigadores, foram entregues a um perito na língua inglesa que se encarregou de comparar cada um dos itens traduzidos com o respectivo original e escolher aqueles que melhor preservavam o significado original e que utilizavam termos mais familiares para a população portuguesa (ver Tabelas 1 e 2). Cada um dos itens foi associado a uma escala de nove pontos, ancorada em “discordo fortemente” (1) e “concordo fortemente” (9). Os itens foram aleatorizados e apresentados em conjunto como se de uma única escala se tratasse.

Tabela 1

EMI – itens originais e a sua correspondente tradução

<i>Itens originais</i>	<i>Itens traduzidos</i>
I attempt to act in nonprejudiced ways toward Black people because it is personally important to me.	Tento agir de forma não-preconceituosa face a pessoas negras porque é um assunto muito importante para mim.
According to my personal values, using stereotypes about Black people is OK.	Segundo os meus valores pessoais, o uso de estereótipos contra pessoas negras é aceitável.*
I am personally motivated by my beliefs to be nonprejudiced toward Black people.	São as minhas crenças pessoais que me motivam a ser não-preconceituoso(a) face às pessoas negras.
Because of my personal values, I believe that using stereotypes about Black people is wrong.	Devido aos meus valores pessoais creio que é errado usar estereótipos acerca das pessoas negras.
Being nonprejudiced toward Black people is important to my self-concept.	Ser não-preconceituoso(a) face às pessoas negras é importante para o meu auto-conceito.

Nota. Item revertido.

Tabela 2

EME – itens originais e a sua correspondente tradução

<i>Itens originais</i>	<i>Itens traduzidos</i>
Because today's PC (politically correct) standards I try to appear nonprejudiced toward Black people.	Tendo em conta a pressão actual para se ser politicamente correcto, tento parecer não-preconceituoso(a) face às pessoas negras.
I try to hide any negative thoughts about Black people about Black people in order to avoid negative reactions from others.	Tento esconder quaisquer pensamentos negativos sobre as pessoas negras, de modo a evitar reacções negativas por parte de outras pessoas.
If I acted prejudiced toward Black people, I would be concerned that others would be angry with me.	Se eu agisse de forma preconceituosa com pessoas negras, preocupar-me-ia que as outras pessoas se irritassem comigo.
I attempt to appear nonprejudiced toward Black in order to avoid disapproval from others.	Tento parecer não-preconceituoso(a) face às pessoas negras, de modo a evitar censura por parte de outras pessoas
I try to act nonprejudiced toward Black people because of pressure from others.	Tento agir de forma não-preconceituosa face às pessoas negras devido à pressão de outras pessoas.

Procedimento

Os dados foram recolhidos em sessões colectivas em “contexto de sala de aula”. Foi explicado aos participantes que se tratava de um estudo sobre as “razões ou motivos que as pessoas podem ter para tentar agir de forma não preconceituosa face aos negros” e que a sua tarefa, era apenas, indicar o grau de concordância com um conjunto de afirmações, sendo que o valor 1 correspondia ao pólo “discordo fortemente” e o valor 9 ao pólo “concordo fortemente”. Foi-lhes também pedido para responderem individualmente, de forma honesta e em silêncio. Não foi dado tempo limite para o preenchimento da escala, tendo este variado entre 5 e 10 minutos.

No final, o investigador disponibilizou-se para responder a qualquer dúvida sobre a escala ou sobre a investigação em curso. Garantiu-se o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos seus resultados.

Resultados

A base de dados foi construída no SPSS (v.15; SPSS Inc, Chicago IL) e a validade factorial da EMI e da EME foi avaliada com o software AMOS (v.7; SPSS Inc, Chicago IL).

A sensibilidade dos itens foi avaliada graficamente e por recurso aos coeficientes de assimetria (Sk) e achatamento (Ku). Considerou-se que os coeficientes de assimetria superiores a 3, em valor absoluto, e os coeficientes de achatamento superiores a 10, em valor absoluto, apresentam problemas de sensibilidade e desvio significativo da normalidade (ver por exemplo, Kline, 1998) e que, consequentemente, ditam a eliminação desses itens. A fiabilidade das duas escalas foi avaliada através do α de Cronbach.

A validade factorial do modelo de medida foi avaliada com uma análise factorial confirmatória usando-se, como índices de qualidade do ajustamento do modelo, as estatísticas χ^2/df , *CFI*, *GFI*, *RMSEA* e a $P(\text{rmsea} \leq .05)$. Assim, considerou-se que o ajustamento do modelo aos dados era bom para valores de *CFI* e *GFI* superiores a .9, para valores de *RMSEA* inferiores a .05 e χ^2/df entre 1 e 2 (ver por exemplo, Schumacker & Lomax, 1996). O refinamento do modelo de medida foi efectuado com base em critérios de validade de face e dos índices de modificação calculados pelo AMOS (Arbuckle, 2006). Apenas se alteraram/eliminaram as trajectórias e/ou erros correlacionados quando o índice de modificação era superior a 11 ($p < .001$) e foi possível justificar esta opção de um ponto de vista teórico.

Sensibilidade das Escalas de Motivação Interna e Motivação Externa para Responder sem Preconceito

Nas tabelas seguintes apresentam-se os valores medianos (Me), de assimetria (Sk) e achatamento (Ku), tal como os respectivos rácios críticos (Sk/SESk e Ku/SEKu) para os itens das duas escalas.

Os itens que constituem a escala de Motivação Interna (Tabela 3) apresentam-se, no geral, mesocúrticos, e enviesados para pontuações elevadas, com a Me a variar entre os valores 7 e 9. Quanto aos itens da escala de Motivação Externa, pode verificar-se, através da análise da Tabela 4, que estes denotam uma tendência leptocúrtica e que se encontram enviesados para pontuações baixas. Apesar disto, em ambas as escalas nenhum dos itens apresenta coeficientes de assimetria superiores a 3 (em valor absoluto) nem coeficientes de achatamento superiores a 10 (em valor absoluto), indicando que não existem problemas severos ao nível da sensibilidade dos itens, nem de afastamento à distribuição normal (ver por exemplo, Kline, 1998).

Tabela 3

Sensibilidade dos itens da EMI

Item	Me	Sk	Sk/SESk	Ku	Ku/SEKu	Mínimo	Máximo
2	8.000	-1.573	-8.321	1.960	5.187	2	9
4	7.000	-.982	-5.196	.211	.559	1	9
5	8.000	-1.660	-8.786	2.820	7.461	1	9
8	8.000	-1.557	-8.237	2.085	5.515	1	9
10	9.000	-.779	-4.122	-.216	-.571	1	9

Tabela 4

Sensibilidade dos itens da EME

Item	Me	Sk	Sk/SESk	Ku	Ku/SEKu	Mínimo	Máximo
1	2.000	.891	4.716	-.088	-.233	1	9
3	2.000	1.633	8.639	2.175	5.755	1	9
6	3.000	.586	3.102	-.728	-1.925	1	9
7	2.000	.801	4.240	-.291	-.769	1	9
9	2,500	.927	4.903	.175	.462	1	9

Validade e Fiabilidade da EMI e EME

A validade de constructo foi avaliada com recurso a uma análise factorial confirmatória. O modelo especificado apresenta uma estrutura bi-factorial simples, com os itens relativos à motivação externa colocados num factor e os itens relativos à motivação interna colocados no outro factor. Os erros dos itens não se apresentaram correlacionados.

Neste estudo os factores não se encontram significativamente correlacionados ($r=-.049$; $p=.612$) sugerindo que a Motivação Interna e a Motivação Externa são dois constructos independentes, tal como observado no estudo original com uma amostra americana (Plant & Devine, 1998). A análise confirmatória sugere um comportamento da escala idêntico ao da população americana, ainda que o ajustamento não possa ser classificado como bom ($\chi^2/df=2.916$, $CFI=.863$, $GFI=.887$, $RMSEA=.107$; $P(\text{rmsea} \leq .05) < .001$). Existe inclusive um item (item 10) com um peso factorial inferior a .50 (ver Figura 1).

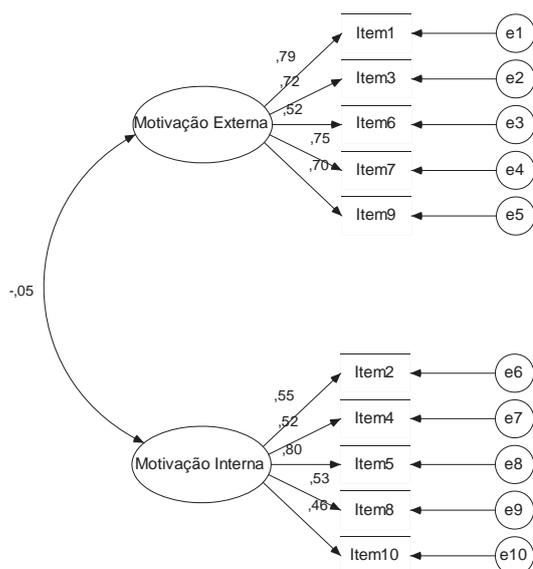


Figura 1. Modelo de medida da EMI e EME, como proposto por Plant e Devine (1998), ajustado à amostra do presente estudo ($\chi^2/df=2.916$, $CFI=.863$, $GFI=.887$, $RMSEA=.107$; $P(rmse\leq .05)<.001$)

A fiabilidade das duas escalas foi avaliada pela medida de consistência interna do α de Cronbach. A escala Motivação Interna para Responder sem Preconceito ($\alpha=.693$) e a escala Motivação Externa para Responder sem Preconceito ($\alpha=.822$) apresentam valores de α de Cronbach considerados aceitáveis para a dimensão da amostra e número de itens da escala (Maroco & Garcia-Marques, 2006).

Considerando as qualidades psicométricas do modelo avaliado na presente amostra, avançamos com uma proposta alternativa que poderá ser avaliada num futuro teste da validade da escala, com dados de outras amostras. Esta proposta é efectuada tendo como base os índices de modificação fornecidos pelo AMOS e considerações teóricas da escala. A análise dos índices de modificação sugeriam, na EMI, uma correlação entre os erros do item 4 (*Ser não-preconceituoso (a) face às pessoas negras é importante para o meu auto-conceito*) e os erros do item 10 (*Tento agir de forma não-preconceituosa face a pessoas negras porque é um assunto muito importante para mim*). Uma vez que os itens apresentam alguma redundância e o item 10 tem um peso factorial (.46) inferior a .50 decidiu-se pela eliminação deste item. No caso da EME, a análise dos índices de modificação revelaram também uma correlação entre os erros do item 1 (*Tento parecer não-preconceituoso (a) face às pessoas negras, de modo a evitar censura por parte de outras pessoas*) e os erros do item 6 (*Se eu agisse de forma preconceituosa com pessoas negras, preocupar-me-ia que as outras pessoas se irritassem comigo*). Tal como anteriormente, estes itens demonstram alguma redundância, logo optou-se por eliminar o item 6, na medida em que este é o item que apresenta um menor peso factorial (.52) (ver Figura 1).

A qualidade do modelo proposto, agora com ênfase exploratória, e a necessitar de confirmação em estudos futuros apresenta, assim, duas dimensões independentes ($r=-.156$; $p=.109$) compostas por quatro itens cada. A análise dos índices de qualidade do ajustamento revela um bom ajustamento das escalas modificadas de Motivação Interna e de Motivação Externa para Responder sem Preconceito à nossa amostra ($\chi^2/df=1.878$, $CFI=.954$, $GFI=.950$, $RMSEA=.072$; $P(rmse\leq .05)=.147$) (ver Figura 2). No que diz respeito à fiabilidade das escalas modificadas, a EMI (4 itens) e a EME (4 itens),

apresentam valores de α de Cronbach de .667 e .830 respectivamente. Quer no modelo modificado quer no modelo original (Figura 1), a escala com maior valor de α de Cronbach é sempre a EME, contrariando o verificado por Plant e Devine (1998). Os autores encontraram, em três amostras, valores de α de Cronbach entre .76 e .85, sendo que a EMI obteve sempre valores de α mais elevados (ver Plant & Devine, 1998). As versões alternativas das escalas são apresentadas na Tabela 5, em Apêndice.

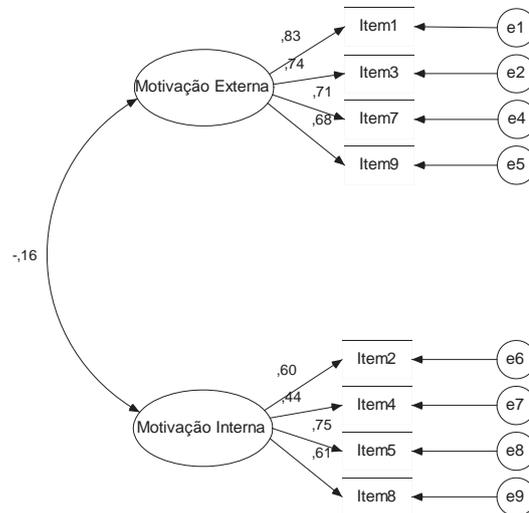


Figura 2. Modelo de medida das EMI e EME obtido de forma exploratória ($\chi^2/df=1.878$, $CFI=.954$, $GFI=.950$, $RMSEA=.072$; $P(rmse \leq .05)=.147$).

Discussão

Este estudo teve como objectivo a tradução, adaptação e validação de duas medidas independentes de motivação para a população portuguesa: a escala de Motivação Interna e a escala de Motivação Externa para Responder sem Preconceito (Plant & Devine, 1998).

A análise factorial confirmatória revelou um comportamento das escalas idêntico ao da população americana, apesar de os índices de ajustamento terem valores inferiores ao desejável. O modelo, avaliado na amostra portuguesa, apresenta dois factores independentes, corroborando a ideia de que se tratam de duas escalas que medem duas fontes de motivação diferentes: (i) uma motivação que resulta da internalização dos valores democráticos e não-preconceituosos e (ii) uma motivação que resulta da pressão social para seguir as normas não-preconceituosas. Ambas as escalas apresentaram uma consistência interna razoável e os itens revelaram-se sensíveis e sem grandes desvios à distribuição normal. De modo exploratório apresenta-se ainda, uma proposta de melhoria do ajustamento das escalas à amostra portuguesa sugerindo que a qualidade do ajustamento pode ser melhorada eliminando um item de cada uma das escalas. Esta estrutura deverá ser validada em estudos futuros de aplicação das Escalas de Motivação Interna e Externa para Responder sem Preconceito.

Em síntese, este estudo apresenta uma proposta de versões portuguesas de duas medidas válidas e fiáveis que permitem isolar os efeitos das duas fontes de motivação envolvidas nas respostas não-

-preconceituosas dos participantes. Estas duas medidas pretendem ser um contributo para o desenvolvimento da investigação *made in Portugal* no campo do preconceito e do racismo, nomeadamente no que diz respeito à compreensão do papel que estas motivações parecem ter no controlo do preconceito.

Apêndice

Tabela 5

Versão portuguesa da EMI e da EME

Itens	EMI
2.	Devido aos meus valores pessoais creio que é errado usar estereótipos acerca das pessoas negras.
4.	Ser não-preconceituoso(a) face às pessoas negras é importante para o meu auto-conceito.
5.	São as minhas crenças pessoais que me motivam a ser não-preconceituoso(a) face às pessoas negras.
8.	Segundo os meus valores pessoais, o uso de estereótipos contra pessoas negras é aceitável.
Itens	EME
1.	Tento parecer não-preconceituoso(a) face às pessoas negras, de modo a evitar censura por parte de outras pessoas.
3.	Tento agir de forma não-preconceituosa face às pessoas negras devido à pressão de outras pessoas.
7.	Tendo em conta a pressão actual para se ser politicamente correcto, tento parecer não-preconceituoso(a) face às pessoas negras.
9.	Tento esconder quaisquer pensamentos negativos sobre as pessoas negras, de modo a evitar reacções negativas por parte de outras pessoas.

Referências

- Arbuckle, J. L. (2006). *Amos 7.0 User's Guide*. Chicago: SPSS.
- Banaji, M. R., & Greenwald, A. G. (1995). Gender stereotyping in judgments of fame. *Journal of Personality and Social Psychology*, *68*, 181-198.
- Brigham, J. C. (1993). College students' racial attitudes. *Journal of Applied and Social Psychology*, *23*, 1933-1967.
- Crosby, F., Bromley, S., & Saxe, L. (1980). Recent unobtrusive studies of Black and White discrimination and prejudice: A literature review. *Psychological Bulletin*, *87*, 546-563.
- Devine, P. G. (1989). Stereotypes and prejudice: Their automatic and controlled components. *Journal of Personality and Social Psychology*, *56*, 5-18.
- Devine, P. G., Monteith, M. J., Zuwerink, J. R., & Elliot, A. J. (1991). Prejudice with and without compunction. *Journal of Personality and Social Psychology*, *60*, 817-830.
- Dunton, B. C., & Fazio, R. H. (1997). An individual difference measure of motivation to control prejudiced reactions. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *23*, 316-326.
- Fazio, R. H., & Olson, M. A. (2003). Implicit measures in social cognition research: Their meaning and use. *Annual Review of Psychology*, *54*, 297-327.
- Fazio, R.H., Jackson, J. R., Dunton, B.C., & Williams, C. J. (1995). Variability in automatic activation as an unobtrusive measure of racial attitudes: A bona fide pipeline? *Journal of Personality and Social Psychology*, *69*, 1013-1027.

- Gaertner, S. L., & Dovidio, J. F. (1986). The aversive form of racism. In J. F. Dovidio, & S. L. Gaertner (Eds.), *Prejudice, discrimination, and racism: Theory and research* (pp. 61-89). Orlando, FL: Academic Press.
- Katz, I., & Hass, R. G. (1988). Racial ambivalence and American value conflict. *Journal of Personality and Social Psychology*, 55, 893-905.
- Kinder, D. R., & Sears, D. O. (1981). Prejudice and politics: symbolic racism versus racial threats to the good life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 40, 414-431.
- Kline, R. B. (1998). *Principles and Practices of Structural Equation Modelling*. The Guilford Press. New York.
- Lages, M. F., Policarpo, V. M., Marques, J. C., Matos, P. L., & António, J. H. C. (2006). Os imigrantes e a população portuguesa: imagens recíprocas. In *Atitudes e valores perante a imigração*. Lisboa, Portugal: Observatório da Imigração.
- Leary, M. R. (1983). A brief version of the Fear of Negative Evaluation Scale. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 9, 371-375.
- Maroco, J. & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório Psicologia*, 4, 65-90.
- McConahay, J. B. (1986). Modern racism, ambivalence, and the modern racism scale. In J. F. Dovidio, & S. L. Gaertner (Eds.), *Prejudice, discrimination, and racism: Theory and research* (pp. 61-89). Orlando, FL: Academic Press.
- McConahay, J. B., Hardee, B. B., & Batts, V. (1981). Has racism declined? It depends on who's asking and what is asked. *Journal of Conflict Resolution*, 25, 563-579.
- Pettigrew, T. F., & Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25, 57-75.
- Plant, E. A., & Devine, P. G. (1998). Internal and external motivation to respond without prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75, 811-832.
- Schumacker, R. E., & Lomax, R. G. (1996) *A Beginner's Guide to Structural Equation Modeling*. Lawrence Erlbaum Associates, Inc. New Jersey.
- Vala, J., Brito, R., & Lopes, D. (1999). *Expressões dos racismos em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Watson, D., & Friend, R. (1969). Measurement of social-evaluative anxiety. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 33, 448-457.